

**O Perfil de Mulher Ideal:
análise do discurso das canções Marina e Dandara**

Alice Moraes de Souza¹
Geovana Batista Fernandes²
Francineide Custódio da Silva³

Resumo: O presente trabalho analisa o discurso construído socialmente sobre o perfil de mulher ideal, considerando duas épocas distintas, por meio de canções. O objetivo geral da investigação fundamenta-se em compreender a formação ideológica e discursiva sobre o perfil de mulher ideal por meio de canções compostas em diferentes épocas. O arcabouço teórico principal utilizado para as discussões foi Foucault (1995,1998) e Orlandi (2005). Como caminho metodológico, esta pesquisa é qualitativa, construída com base no método da Análise do Discurso (AD) e tem como corpus as canções nacionais Marina (Dorival Caymmi) e Dandara (Ivan Lins e Francisco Bosco). Como resultado das discussões propostas, "Marina" ilustra um discurso disciplinador do comportamento feminino, já em "Dandara" propõe-se uma nova configuração discursiva e afirma a autonomia e liberdade da mulher.

Palavras-chave: Mulher; Discurso; Canções.

**The Ideal Woman Profile:
a discourse analysis of the songs Marina and Dandara**

Abstract: The present work analyzes the discourse built socially on the ideal woman profile, considering two distinct eras, through songs. The general objective of the research is based on understanding the ideological and discursive formation about the ideal woman profile through songs composed in different times. The theoretical framework used for the discussions was Foucault (1995, 1998) and Orlandi (2005). As a methodological path, this research is qualitative, based on the method of Discourse Analysis (DA) and has as corpus the national songs Marina (Dorival Caymmi) and Dandara (Ivan Lins and Francisco Bosco). As a result of the proposed discussions, "Marina" illustrates a disciplinary discourse of female behavior, already in "Dandara" proposes a new discursive configuration and affirms the autonomy and freedom of women.

Keywords: Woman; Speech; Songs.

**El perfil de la mujer ideal:
análisis del discurso de las canciones Marina y Dandara**

Resumen: El presente trabajo analiza el discurso construido socialmente sobre el perfil de la mujer ideal, considerando dos épocas distintas, a través de canciones. El objetivo general de la investigación se basa en comprender la formación ideológica y discursiva sobre el perfil de la mujer ideal a través de canciones compuestas en diferentes épocas. El marco teórico principal utilizado para las discusiones fue Foucault (1995, 1998) y Orlandi (2005). Como método, esta investigación es cualitativa, construida sobre la base del método del análisis del discurso (AD) y tiene como corpus las canciones nacionales Marina (Dorival Caymmi) y Dandara

¹ Estudante do curso de Letras/Português (2024-2027) na Universidade Regional do Cariri - URCA; Bolsista Proae no Núcleo de Línguas (NUCLIN) – URCA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0681-975X> e-mail: alice.moraes@urca.br

² Graduanda em Letras Português pela Universidade Regional do Cariri - URCA; Bolsista do Prevest Crato. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4463-0561>, e-mail: geovana.batista@urca.br

³ Graduanda em Letras Português pela Universidade Regional do Cariri – URCA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7744-777X> e-mail: francineide.custodio@urca.br



(Ivan Lins y Francisco Bosco). Como resultado de los debates propuestos, «Marina» ilustra un discurso disciplinador del comportamiento femenino, mientras que «Dandara» propone una nueva configuración discursiva y afirma la autonomía y la libertad de la mujer.

Palavras-clave: Mujer; Discurso; Canciones.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido em cumprimento da finalização da disciplina Introdução às Teorias do Discurso, no 3º semestre do curso de Letras-Português da Universidade Regional do Cariri – URCA, em maio de 2025 e se fundamenta nas discussões teóricas realizadas no decorrer da disciplina. Na oportunidade, argumentaremos sobre o discurso, como ele se constrói socialmente e ganha concretude por meio de diferentes instrumentos, como em canções. Estas podem colocar em cena variadas proposições que se associam aos interesses sociais, como exemplo, as temáticas em torno da mulher.

O perfil de mulher ideal é um assunto debatido pela sociedade ao longo dos anos, já que vivemos em um corpo social marcado pelo patriarcalismo e o machismo. Para voltarmos no tempo e entendermos os relacionamentos, preconceitos e violências sofridas pelas mulheres, basta analisarmos obras da época, como canções. Tais situações são vivenciadas até nos dias de hoje, todavia agora existem leis que protegem e dão voz às mulheres, mas que nem sempre são respeitadas, já que muitas vezes a prática se distancia do expresso na legislação.

Sendo assim, fomos e somos criadas em uma sociedade que transformou o patriarcado exagerado em cultura, visto como normal. Esse processo de transformação inferioriza, discrimina e objetifica a mulher. Como sinal dessa cultura, a mulher é afetada por fatores associados à segurança, ao trabalho, ao julgamento de conduta/moral, entre outros, simplesmente por sua identidade de gênero.

Com o propósito de investigar traços que constituem a ideia em volta à formação da mulher em sociedade emerge a necessidade desse estudo, o qual tem como pergunta de pesquisa: “Como o perfil de mulher ideal, para a sociedade brasileira, é apresentado por meio de canções de diferentes épocas? ” A partir desse questionamento principal, desdobram-se estes:

- a) De que forma as marcas ideológicas se manifestam em textos do gênero canção?
- b) Quais fatores contribuem para as tecituras de uma formação ideológica sobre o papel da mulher na sociedade?
- c) Qual a relação entre discurso e ideologia na comparação entre os textos analisados?

Para refletir sobre essas perguntas, surge o objetivo geral: Compreender a formação ideológica e discursiva sobre o perfil de mulher ideal por meio de canções compostas em diferentes épocas. Como um desenvolvimento deste, foram desenhados os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar de que forma as marcas ideológicas se manifestam em textos do gênero canção;
- b) Identificar os fatores que contribuem para as tecituras de uma formação ideológica sobre o papel da mulher na sociedade;
- c) Investigar a relação entre discurso e ideologia na comparação entre os textos analisados.

A relevância desta pesquisa consiste em organizar discussões acerca da construção de ideologias centradas na visão do homem, que perdura durante anos, do entendimento das causas diárias femininas, como uma constituição do sujeito feminino, assim como a perspectiva das conquistas de gênero por meio de lutas e resistências.

Este trabalho se estrutura por essa parte introdutória, a qual apresenta o objeto de pesquisa, sua problemática e objetivos a serem alcançados por meio da investigação. Na segunda parte, apresentamos o caminho metodológico escolhido para trilharmos e alicerçarmos a pesquisa. Em seguida, expomos os resultados e discussões deste trabalho, a partir da seção intitulada “Tecituras Ideológicas e Discursivas: qual o perfil de mulher ideal?”, na qual colocamos em tela os achados da pesquisa por meio da análise das canções Marina (Dorival Caymmi) e Dandara (Ivan Lins e Francisco Bosco). Por fim, apresentamos as considerações finais sobre a análise.

Na seção seguinte, abordamos os caminhos metodológicos escolhidos e seguidos para a construção deste estudo.

2 METODOLOGIA

Como procedimento metodológico, esta é uma pesquisa qualitativa por considerar “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Nesse sentido, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são os alicerces dessa investigação.

Quanto ao método, essa pesquisa se consolida na abordagem dialética, pois “busca interpretar a realidade partindo do pressuposto de que todos os fenômenos apresentam características contraditórias organicamente unidas e indissolúveis” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 34). Na dialética, as contradições se superam continuamente, gerando novas contradições que exigem novas soluções. Utilizado em pesquisas qualitativas, esse método proporciona uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, partindo do princípio de que os fatos não podem ser compreendidos isoladamente, mas sim dentro de seus contextos histórico, social, político e econômico.

Para responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos traçados, temos como instrumento de pesquisa a análise das canções - textos - Marina (Dorival Caymmi), lançada em 1946 e Dandara (Ivan Lins e Francisco Bosco), divulgada a partir de 2004. Esta análise foi feita por meio da comparação dos vocabulários utilizados em cada canção, enfatizando como a linguagem retrata os valores e o discurso que atravessa um tempo histórico e social.

Nessa construção, faz-se importante entender a noção de enunciado. Para Foucault (1995, p. 114), “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si, um campo de coexistências”. Sendo assim, estabelecida a relação específica com a história, um enunciado converge-se sempre outro, mesmo sendo repetido e reproduzido em diversos contextos. Com isso,

No enunciado há sempre uma posição-sujeito, ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos. A análise do enunciado na Análise do Discurso deve investigar qual é essa posição-sujeito, que se inscreve na história, lugar em que deve ser analisado. A historicidade do enunciado apresenta suas margens

povoadas por outros enunciados, mostra-o correlacionado a um campo adjacente, um campo associativo constituído por uma série de outras formulações, e um conjunto de formulações a que se refere. Face à historicidade própria à existência do enunciado, a produção de sentidos vincula-se à memória e reatualiza outros enunciados (Fernandes, 2008, p. 63).

A partir dessa base metodológica, a pesquisa embasou-se na Análise do Discurso (AD) sob a vertente de Foucault (1998) e Eni Orlandi (2005). A escolha por estes teóricos se justifica por Foucault apresentar conceitos que potencializam esse estudo, como as relações de poder e a sexualidade em ligação com o corpo, e Orlandi nos auxilia com a definição de formação discursiva, ideias fundamentais para a compreensão e discussão do assunto abordado nesta pesquisa.

A Análise do Discurso (AD) na perspectiva de Michel Foucault oferece bases teóricas fundamentais para entendermos como esses discursos se formam, se sustentam e se transformam em um meio de dominação e resistência. Dessa forma,

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições, mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (Foucault, 1998, p. 96).

Conforme expresso, o discurso construído, seja por meio da fala, da escrita ou do pensamento, representa a sociedade e não é neutro. Este discurso pode ser usado para exercer poder, para estabelecer critérios de certo ou errado, legitimando algumas atitudes e condenando outras. Então, ao passo que o discurso pode produzir poder, o poder também produz discurso, assim, se justifica porque alguns discursos são mais fortes quando estão associados às estruturas de poder dominantes. Nesse sentido, em uma sociedade machista e patriarcal comumente as mulheres são inferiorizadas por meio de discursos e estes influenciam a forma como pensamos o gênero.

A linguista Eni Orlandi (2005) defende que toda palavra faz parte de um discurso, e este não é fixo nem em relação ao tempo, sujeitos ou posições. Dessa forma, ela criou uma

ideia de formação discursiva que debate exatamente o que estamos construindo ao longo desse estudo. De acordo com Orlandi (2005, p. 42,43):

Consequentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Essa noção de Orlandi é importante para mostrar que cada contexto produz um sentido diferente. Sob esse viés, é essencial para esta análise o conceito de formação discursiva, que é a forma que um discurso é definido por uma situação tanto histórica, quanto social. Os discursos não são neutros ou universais, mas perpassados por relações de poder que moldam seus sentidos. Assim, ao analisar um enunciado, é necessário considerar as condições de produção que o sustentam, os sujeitos envolvidos e as ideologias que o constitui, pois é nessa articulação que o discurso alcança forma e significado.

Nesse sentido, a língua está diretamente ligada ao discurso, sujeitos e, também, ideologias, já que esses três são interdependentes. Então, Orlandi (2005, p.17) comenta: “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.”. Sendo assim, entendemos como a música era/é influenciada pelo tempo e pessoas, visto que ela é um discurso produzido inteiramente por ideologias, que mudam no decorrer dos anos.

Na seção seguinte, analisamos as canções, *corpus* da pesquisa, apresentamos e discutimos os resultados à luz da Análise do Discurso (AD), a partir do diálogo com alguns teóricos.

3 TECITURAS IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS: QUAL O PERFIL DE MULHER IDEAL?

As ideologias são formadas por um conjunto de ideias que estão presentes em práticas sociais, são construídas e desconstruídas no ambiente social por meio de discursos

que refletem relações de poder e processos históricos específicos. No contexto do patriarcado, a construção do “perfil da mulher ideal” se estabelece como uma marca ideológica que inferioriza, objetifica e limita a mulher, moldando, assim, a sua identidade. Porém, esse processo não está paralisado, a resistência feminina construída em movimentos sociais, na arte, na cultura, nas canções, mostra a desconstrução dessas ideologias opressivas.

No campo do discurso, a linguagem é uma importante categoria analítica a ser observada ao considerarmos os discursos que se materializam na linguagem verbal, musical, artística, nos diferentes suportes textuais, carregando a ideia do poder e da persuasão. Segundo Fernandes (2008, p. 24), “A linguagem será apreendida sempre em uma situação social e histórica, na qual e com a qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o “eu” e o “outro” são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhes a interação”. Nesse sentido, ao voltarmos nossa atenção para um texto, uma situação comunicativa, devemos colocá-lo em seu contexto social e histórico.

Para analisarmos o perfil de mulher ideal em dois períodos distintos da história do Brasil, utilizamos como suporte 2 (duas) canções brasileiras de épocas distintas. A escolha se deu pela relevância da música para a formação ideológica, bem como para traçar um perfil de sociedade e as marcas de seu tempo. Em uma análise comparativa entre as duas músicas brasileiras, à luz da Análise do Discurso, algumas discussões foram levantadas e os resultados dessa investigação estão elucidados a seguir. Para uma melhor compreensão, as letras das canções estão expressas no quadro 1:

Quadro 1 – Canções Analisadas

Canção 1 Marina	Canção 2 Dandara
Marina morena, Marina Você se pintou Marina, você faça tudo Mas faça um favor Não pinte esse rosto que eu gosto Que eu gosto e que é só meu Marina, você já é bonita Com o que Deus lhe deu	Ela tem nome de mulher guerreira E se veste de um jeito que só ela Ela vive entre o aqui e o alheio As meninas não gostam muito dela Ela tem um tribal no tornozelo E na nuca adormece uma serpente O que faz ela ser quase um segredo É ser ela assim, tão transparente

<p>Me aborreci, me zanguei Já não posso falar E quando eu me zango Marina, não sei perdoar</p> <p>Eu já desculpei muita coisa Você não arranjava outro igual Desculpe, Marina morena Mas eu estou de mal</p> <p>Eu já desculpei muita coisa Você não arranjava outro igual Desculpe, Marina morena Mas eu estou de mal</p> <p>De mal de você De mal de você</p> <p>(Caymmi⁴, 1946)</p>	<p>Ela é livre e ser livre a faz brilhar Ela é filha da terra, céu e mar Dandara</p> <p>Ela faz mechas claras no cabelo E caminha na areia pelo raso Eu procuro saber os seus roteiros Pra fingir que a encontro por acaso</p> <p>Ela fala num celular vermelho Com amigos e com seu namorado Ela tem perto dela o mundo inteiro E à volta outro mundo, admirado</p> <p>Ela é livre e ser livre a faz brilhar Ela é filha da terra, céu e mar Dandara</p> <p>(Lins; Bosco⁵, 2004)</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Autoras (2025)

Em 1946, ano de lançamento da música “Marina”, o Brasil vivia um momento de transição política e social marcada pelo fim do Estado Novo (1937–1945), com a promulgação da nova Constituição (1946). Este foi o início de um cenário de mudanças sociais e políticas para o país, todavia continuava patriarcal e extremamente machista, sustentando uma visão de mulher permeada por elevados padrões conservadores. Os direitos civis femininos eram muito limitados e esta encontrava-se legalmente dependente do marido.

Neste contexto histórico, a produção da canção é contemporânea ao início da consolidação da indústria cultural do Brasil – produção, distribuição e consumo de bens culturais. Neste período, o rádio era o principal veículo de divulgação da música popular. Por ser o maior meio de comunicação das massas durante as décadas de 1940 e 1950, o rádio contribuiu para criar e fortalecer padrões de comportamento associados ao gênero. Diante do expresso, a canção popular desempenhava uma função formativa que estava além do entretenimento, transmitia valores morais que reproduziam as ideias patriarcais do país.

⁴Dorival Caymmi (Salvador, 30 de abril de 1914 – Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2008) foi um cantor, compositor, instrumentista, poeta, pintor e ator brasileiro.

⁵Ivan Guimarães Lins (Rio de Janeiro, 16 de junho de 1945) é um cantor, pianista e compositor brasileiro; Francisco de Castro Mucci (Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1976), conhecido como Francisco Bosco, é um filósofo, colunista, ensaísta, letrista e compositor brasileiro.



Em 2004, 58 anos depois, no Brasil, a visão de “mulher” insere-se em um contexto de transição entre padrões tradicionais e avanços em direção à igualdade de gênero. Mesmo com a forte presença de uma sociedade patriarcal, os movimentos sociais, legislações e mudanças culturais começam a provocar rupturas na percepção social sobre o “lugar das mulheres”.

As ideias sobre gênero que acompanham o século XXI buscam sustentação no fortalecimento dos movimentos sociais, os quais proporcionaram maior visibilidade às demandas associadas à igualdade de gênero e os direitos das mulheres. Outro fator relevante é o processo de globalização o qual intensificou a divulgação dos bens culturais, como a música. Nos anos 2000, atrelada à canção estão as imagens que apresentam o perfil de mulher socialmente construído.

O mercado cultural, com um público mais exigente, precisa vender a imagem que agrada o cliente, por isso preocupa-se em apresentar uma mulher com atitudes de liberdade. Todavia, nesse período, a publicidade ainda divulgava muitos estereótipos do gênero. De acordo com Adichie (2019, p. 26), “[...] o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que a história se torne a única história”.

Imersas nestes contextos, separados por mais de meio século, as canções, corpus da pesquisa, anunciam essas marcas características de seu período, com isso podemos fazer uma comparação a fim de tecermos a análise proposta nos objetivos do estudo.

Na primeira canção é possível vislumbrar o machismo que sustenta a relação do eu lírico com sua interlocutora, Marina. Podemos caracterizar a imagem de um homem, representada pelo eu lírico, como possessivo e controlador de todas as vontades de Marina, enquanto esta se encontra como “algo”, como objeto possuído por alguém, em um relacionamento abusivo e talvez nem o reconheça dessa forma.

A mulher da década de 1940 no Brasil, representada no texto analisado – canção 1 - é alguém que depende totalmente da aprovação de um homem (pai/marido), mais parece uma propriedade do que um ser humano. Ela é uma extensão do seu marido e não pode/deve ter seus próprios sonhos e desejos, pois a sociedade abominava negava-lhe isso. O texto denuncia uma construção social pautada no machismo e no patriarcado, a qual dita como a

mulher deve se vestir, se comportar, se expressar, quais lugares pode frequentar, entre outros aspectos.

Nesse sentido, a mulher ideal expressa na letra da música de Caymmi é uma mulher submissa e inferior ao homem. Estas marcas ideológicas fazem com que entendamos o retrato da sociedade brasileira da década de 1940 e podem ser comprovadas nos trechos: “Não pinte esse rosto que eu gosto/Que eu gosto e que é só meu/ Você não arranjava outro igual”. Percebemos o discurso de autoritarismo, de objetificação da mulher e os traços de abuso psicológico ao dizer que ela não é capaz de “arrumar” outra pessoa. Outro ponto que ressalta na letra da música é o ciúme, representado pelos versos: “Você se pintou/ Marina, você faça tudo/Mas faça um favor/ Não pinte esse rosto que eu gosto”. A pintura no rosto representa a beleza, o amor próprio, a vaidade e a possibilidade de ser notada por outros.

Ao longo de muitas décadas a mulher ideal era a boa dona de casa, a mãe exemplar, a esposa perfeita, e a linguagem presente nas músicas, nas revistas, nas campanhas publicitárias contribuíam para o fortalecimento desse discurso. Até que, cada vez mais, as mulheres perceberam que elas não deveriam ser apenas uma extensão de seu pai ou de seu marido, que elas podiam escolher se queriam ser dona de casa, ser mãe, casar-se, ter uma profissão, enfim, na atualidade a mulher tem maior possibilidade de ser livre, de frequentar os lugares que quiser e fazer suas próprias escolhas, construir seu próprio caminho.

O discurso que embasa a canção Dandara é o de uma mulher livre, dona de sua própria vida e de suas escolhas, conforme os versos: “Ela é livre e ser livre a faz brilhar/Ela tem perto dela o mundo inteiro”. A liberdade perpassa o discurso construído nesta canção e transmite para os ouvintes o verdadeiro significado dessa palavra.

Essas mudanças representadas pela linguagem – texto – são possíveis devido as duras lutas e conquistas femininas no decorrer da história, algo feito no passado para que hoje as mulheres pudessem desfrutar de uma sociedade melhor. Entre essas “bandeiras”, estão os protestos de que a mulher pode/deve ser o que ela quiser, seu lugar é onde ela quiser estar, que merecem igualdade de oportunidades de gênero, discursos entretecidos na canção Dandara.

As músicas não apenas apresentam os valores de sua época, mas também influenciam comportamentos e mudanças. Em Marina, a repetição de comandos como “faça um favor” reforça a submissão feminina, enquanto em Dandara, os versos como “ela é livre e ser livre a faz brilhar”, mostra uma autonomia que inspira maneiras de ser mulher em meio a tantas lutas. Assim, a música, ao formular discursos, mostra um espaço de luta ideológica, aonde em que as marcas do patriarcado são desafiadas e novas identidades são moldadas com força e resiliência.

As relações de poder tecidas pelo discurso falam de atitudes, de comportamentos e do corpo, mais especificamente do silenciamento desse corpo. No caso das mulheres, o corpo feminino é historicamente marcado por exigências que definem normas, comportamentos e aparências, o que era tido como normal dentro da sociedade, como analisamos em Marina, aonde o eu lírico mostra o controle e pertencimento sobre as escolhas estéticas da mulher: “Não pinte esse rosto que eu gosto e é só meu”. Nessa perspectiva, Magalhães e Sabatine (2011, p. 133) destacam que:

o corpo não escapa à história, e nem se constitui apenas em decorrência da lei fisiológica, cria resistências em relação às injunções biológicas, culturais ou políticas que definem medidas normais. Em sua materialização há os resquícios de inúmeras alterações cotidianas e as marcas corporais servem como objeto para verificar a luta em que se trava pelo seu domínio.

Os autores colocam em tela a ideia de que o corpo humano - no caso da pesquisa, o corpo da mulher - não é uma entidade neutra ou simplesmente biológica, mas um espaço atravessado por discursos históricos, culturais e políticos. Diante disso, o corpo cria firmeza/força e reage às normas impostas socialmente, como aquelas que ditam padrões previamente estabelecidos, tornando-se um campo de disputa simbólica e material, no qual se manifestam as marcas das experiências, tenções e transformações históricas, culturais, sociais, políticas e discursivas.

Esse pensamento ilustra como o corpo de Marina é objeto de disputa, sujeito a padrões patriarcais que limitam sua autonomia, parece mais um objeto de satisfação masculina. Em contrapartida, o corpo de Dandara é um espaço de resistência, liberdade,

perseverança, como observamos nos trechos: “Ela tem um tribal no tornozelo”, “Ela faz mechas claras no cabelo”, “Ela é livre e ser livre a faz brilhar”. A liberdade é apresentada como uma qualidade, algo que se entrelaça com a personalidade desta mulher.

A Análise Discursiva das canções em tela, sob a vertente de Foucault (1998) e Orlandi (2005) apresentam modos distintos da constituição do papel da mulher, do sujeito feminino e de como as relações de poder atravessam e moldam essas subjetividades. A posição ideológica e o processo sócio-histórico são referentes ao papel da mulher na sociedade de forma comparativa, já que há dois discursos distintos apresentados.

Na música “Dandara”, obtemos a representação de uma mulher forte e independente, no qual o nome Dandara, faz referência a Dandara dos Palmares, evocando a figura da guerreira quilombola. A canção de 2004 deixa evidente a imagem da mulher do século XXI, que é um sujeito livre de padrões estéticos e sociais e dona de si (ou busca ser). Assim, podemos atestar o processo sócio-histórico que ocorre entre as duas músicas, são palavras que ganham sentido através da formação discursiva que estão incluídas, assim como é citado:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (Orlandi, 2005, p. 43).

A autora comunica que o sentido do que é dito é construído a partir das formações discursivas em que essas palavras estão associadas. Com isso, os discursos carregam marcas das formações ideológicas que os atravessam, não apenas transmite informações, mas também desvela os posicionamentos ideológicos de quem fala, sendo resultado da articulação entre linguagem e ideologia.

Congruente com os estudos de relações de Michel Foucault, “Marina” é descrita como “morena” e “bonita”, mas quando ela faz o uso da liberdade de expressão, por meio do uso da maquiagem, ela é reprovada pelo eu lírico e isso fica explícito no trecho da canção “só meu”, como já citado em um parágrafo anterior. Esse é um enunciado que deixa em evidencia uma chamada verdade que é construída sob uma lógica patriarcal, que o corpo da mulher tem o dever de submeter-se ao desejo masculino e obedecer às suas ordens. Consoante Foucault (1998), a sexualidade não é apenas algo natural, mas também uma das áreas onde o poder se exerce de maneira mais intensa, pois é através dela que se produzem e se regulam os corpos, os comportamentos e as relações sociais.

Em consonância com Foucault, Scott (1994) explica o poder como um emaranhado de relações conflituosas e permanentemente ativas. A autora apresenta a categoria gênero como uma produção nas e pelas relações de poder. Dessa forma,

[...] examinar gênero concretamente, contextualmente e considerá-lo um fenômeno histórico, produzido reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo... A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres, e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (Scott, 1994, p. 19).

Como a ideia de gênero e os papéis atribuídos a homens e a mulheres são construídos, reproduzidos e transformados ao longo do tempo, a canção Dandara ressignifica o lugar da mulher na sociedade e na história. É uma letra que representa uma mulher ativa, um discurso que rompe essa visão passiva submissa da mulher. Nesse sentido, Gebara (2005) apud Rago (2011, p. 05) afirma que:

É deste bairro repleto de histórias, de pequenas histórias e dramas humanos, que tento escrever. É deste lugar que tento voar em direção a meu passado e fazer uma reflexão sobre o presente. O passado não tem as mesmas cercanias, a mesma música, as mesmas vozes, o mesmo cheiro do presente. Puxo o fio liberdade e o vou trançando com meu presente, esperando assim oferecer-me em leitura agradável aos outros.

A autora revela uma perspectiva sensível e subjetiva sobre o entrelaçamento da memória, identidade e escrita ao evidenciar a relevância das experiências cotidianas e pessoais

na construção discursiva. A relação entre passado e presente, simbolizada pelo "fio liberdade", representa um movimento de reconstrução da própria história.

Esse discurso libertador, expresso nos versos de Dandara, reconstrói a subjetividade feminina ao apresentar a liberdade como um fio que conecta passado e presente, revolucionando as normas patriarcais e afirmindo a representação da mulher como sujeito ativo de sua própria história. Ao desarticular os papéis tradicionalmente impostos, a canção anuncia uma nova narrativa, em que a mulher deixa de ser objeto de opressão e se torna, aos poucos, protagonista de sua história, por meio de lutas, escolhas e resistências, resgatando heranças ancestrais e projetando novos sentidos para a identidade feminina na atualidade.

Nesse sentido, “Marina” ilustra um discurso disciplinador do comportamento feminino, já em “Dandara” propõe-se uma nova configuração discursiva e afirma a autonomia e liberdade da mulher. As composições nos mostram como os discursos artísticos participaram dessa produção de subjetividades, que envolvem as relações de poder, que ora operam por dominação, ora por subversão.

Essa análise comprova o poder do discurso da linguagem artística ao colocar em diálogo essas duas canções de contextos distintos. Ao reproduzirem as representações sociais sobre o feminino, revelando as tensões entre continuidade e ruptura na visão da “mulher ideal” ao longo do tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi finalizado com êxito, pois alcançou todos os objetivos inicialmente formulados. No corpo do texto podem ser contemplados os resultados da pesquisa que teve como objetivo principal compreender a formação ideológica e discursiva sobre o perfil de mulher ideal por meio através de canções compostas em diferentes épocas. Como objetivos específicos, analisar de que forma as marcas ideológicas se manifestam em textos do gênero canção, identificar os fatores que contribuem para as tecituras de uma formação ideológica sobre o papel da mulher na sociedade e investigar a relação entre discurso e ideologia na

comparação entre os textos analisados. Por meio da metodologia traçada, todos esses objetivos foram contemplados.

O caminho metodológico escolhido foi essencial para a concretude desses resultados, os quais apresentam os principais resultados que encontramos foram que o contexto/situação sócio-histórico é o que baseia toda responsável pela formação discursiva que está nas ideologias, que o discurso produz poder e vice-versa, também analisamos que são exatamente essas relações de poder na sociedade que constroem e desconstroem as ideologias. Sendo assim, alcançamos os objetivos desejados, visto que nos aprofundamos no corpus utilizado e em teóricos que explicitam esses conceitos, como Foucault e Orlandi.

Tendo em vista a pergunta feita na introdução: “Como o perfil de mulher ideal, para a sociedade brasileira, é apresentado por meio de canções de diferentes épocas?”, foi bem respondida e explanada durante a pesquisa e expressa no corpo deste trabalho, já que a análise discursiva foi realizada tanto individualmente, quanto em comparação de uma canção com a outra. O “perfil da mulher ideal” muda ao decorrer do tempo, assim como tantos outros pensamentos, algumas ideias antes aceitas passam a ser absurdas, e isso é explicado por meio de escritos/canções/textos/figuras que carregam a ideologia de forma pura.

Portanto, para que algo seja entendido de forma clara, a Análise do Discurso é a maneira mais inequívoca. Pois, usando a AD, não analisamos apenas as letras ou estruturas, falas ou comportamentos isolados, nós analisamos todo um contexto e situação em que cada discurso foi criado e proferido, porque bem mais importante do que ele, é a sua origem, seus interlocutores e o que lhe motivou.

A investigação também revelou como a linguagem, representada por produções artísticas, reflete e, ao mesmo tempo, contribui para a construção de subjetividades femininas, evidenciando os mecanismos de poder, bem como os processos de resistência e ressignificação dos papéis atribuídos às mulheres ao longo do tempo.

Diante do exposto, destacamos que esta pesquisa contribui para a compreensão da vida feminina, suas lutas, seus muitos obstáculos diários em uma perspectiva de gênero todo peso impregnado não apenas nos dias de hoje, mas desde que há civilizações. Visto que sabemos que, mesmo hoje sendo menos acentuado, ainda existe uma sobrecarga social bem

maior na mulher do que no homem, já que, geralmente ela é julgada por tudo o que faz e até pelo que não faz, como a escolha de ser mãe ou não, de ter rede de apoio ou não, algo que a sociedade não enxerga como defeito no homem. Reiteramos que a mulher tem o direito de ser livre, autônoma e livre assim como em “Dandara”, e que o patriarcado sofrido por “Marina”, que representa tantas, seja cada vez mais combatido extinto, punido e repudiado.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAYMMI, Dorival. **Marina**, 1946. Disponível em: [Marina - Dorival Caymmi - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em 17/02/2025.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 3. ed. rev. e ampl. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 152 p.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LINS, Ivan; BOSCO, Francisco. **Dandara**, 2004. Disponível em: [Dandara - Ivan Lins - LETRAS.MUS.BR](http://www.dandara.com.br). Acesso em: 17/02/2025

MAGALHÃES, Bóris Ribeiro; SABATINA Thiago Teixeira. A saúde como estilo e o corpo como objeto de intervenção. In: SOUZA; Luiz Antônio Francisco; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro (Org.). **Michel Foucault**: sexualidade, corpo e direito. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA; Luiz Antônio Francisco; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris



Ribeiro (Org.). **Michel Foucault**: sexualidade, corpo e direito. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2011, p. 1-18.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender and politics of history**. Columbia University Press, N.Y.,1988. O livro é uma coletânea dos ensaios aqui referidos. Tradução de Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 11-27.

Recebido em: 30/09/2025

Aceito em: 30/11/2025

Publicado online em: 08/12/2025